

A Odisseia: traços morais de um tempo

Odyssey: moral traits of an era

Igor Sena Miedes¹

Fernanda Verdasca Botton (Orient.)²

Resumo: A **Odisseia** de Homero tem inspirado gerações. Buscando a universalidade do tema, deparamo-nos com seu caráter moral, que se mantém presente na formação do indivíduo desde os tempos antigos. Por meio da análise do enredo, este artigo objetiva traçar elementos desta moral homérica.

Palavras-chave: Homero; Odisseia; conceitos morais

Abstract: Homer's Odyssey has inspired generations. Seeking the universality of the theme, we've faced its moral subject, which has been present in human's formation. By analyzing the plot, this paper aims to trace elements from the Homeric moral

Key-words: Homer; Odyssey; moral concepts.

Introdução

A **Ilíada** e a **Odisseia** formam o berço da cultura ocidental, pois é nelas que encontramos o início de nossa literatura e os únicos registros históricos de um dos povos mais importantes da antiguidade clássica: os gregos.

Designadas como epopeias homéricas, elas serviram de base ao estudo de pesquisadores, antropólogos e arqueólogos de diversas partes do mundo que tentavam recriar a vida dos gregos. Trechos destes poemas foram utilizados para entender cultura, sociedade e ritos, enquanto vasos que continham ilustrações de passagens dos cantos foram instrumentos para datar a origem de sítios arqueológicos (GIORDANI, 1996, p.14).

¹ Aluno do Programa de Iniciação Científica e Graduando em Letras Português/Inglês pela Universidade do Grande ABC.

² Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Portuguesa da UniABC. Autora de **A Lira Assassina de Orfeu** - Bernardo Santareno e os intertextos de **O inferno** (Todas as Musas, 2011).

O par de obras tem esse nome por ser atribuído ao poeta Homero, que teria vivido entre o oitavo e o sétimo século antes de Cristo e que é comumente retratado como um poeta cego de barbas e cabelos fartos.

Todavia, apesar de serem comumente atribuídas a um só autor, há uma série de estudos a respeito da verdadeira autoria destas duas obras. O assunto ficou conhecido por “Questão Homérica” (AUBRETON, 1968, p. 29) e, mesmo que não tenhamos um parecer totalmente conclusivo, as discussões permitem que listemos diferenças significativas entre os dois textos.

Pode-se contrapor a **Ilíada** e a **Odisseia** em: a guerra entre povos (aqueus e troianos) *versus* a viagem de um indivíduo (Odisseu), daí os títulos: **Ilíada** provém de Ílion, Troia, e **Odisseia** de Odisseu, ou seja, o título de cada obra se refere ao assunto que ela retrata; os campos de batalha *versus* terras estrangeiras e ilhas fantásticas; a “bela guerra” pautada na disputa justa (como os duelos travados na **Ilíada** entre os heróis de ambos os lados) *versus* a inteligência e as artimanhas (como o evento na caverna do ciclope Polifemo, das narrações na **Odisseia**), e a “bela morte” no campo de batalha *versus* a arte da sobrevivência.

Além dos aspectos ligados aos valores do enredo, a forma como os textos são escritos destoa, enquanto a **Ilíada** é trágica e turbulenta, a **Odisseia** é, em partes, cômica ou surreal (como a cena dos lotófagos).

Tais diferenças de enredo e de forma propiciaram os debates acerca da existência de Homero como indivíduo ou como uma sociedade de rapsodos.

Apesar disso, as obras se aproximam uma vez que contam histórias que podem ser justapostas, isto porque enquanto a **Ilíada** narra os acontecimentos da guerra entre os aqueus (gregos) e os troianos devido ao sequestro e cárcere da rainha espartana Helena; a **Odisseia** narrará às aventuras de Odisseu (ou Ulisses, para os romanos), personagem da **Ilíada** que após o final da guerra contra os troianos tenta retornar ao seu lar na ilha grega de Ítaca, mas sofre vários infortúnios em sua viagem, muitos deles causados pelos deuses.

A Odisseia: linhas de um retrato moral.

Priorizaremos a **Odisseia** à **Ilíada**, pois naquela as conquistas não são mais a principal questão, mas sim os conceitos morais de equilíbrio.

Este enredo que envolve a busca pelo equilíbrio entre corpo e mente estará muito mais próximo da realidade de nossa contemporaneidade, do que a “bela guerra” movida pelas disputas heroicas que fazem parte da **Ilíada**.

Com o intuito de recolhermos conceitos morais presentes na **Odisseia** homérica, faremos um resumo de fatos que, pertencentes ao enredo desta epopeia, podem revelar o pensamento grego de um tempo.

A **Odisseia** narra a história de Odisseu, personagem da **Ilíada** que foi decisivo na Guerra de Tróia, enquanto tenta regressar à esposa, ao filho e ao lar em Ítaca, ilha de onde partira e da qual era regente.

Pode ser dividida em três partes: *A Telemáquia*; *As narrativas de Odisseu* (ou *O Regresso*); e *Ítaca* (ou o *Massacre dos Pretendentes*).

A Telemáquia retrata Telêmaco, filho de Odisseu.

Quando foi deixado por seu pai, Telêmaco não passava de um recém-nascido. Como a batalha durara dez anos e contavam-se mais dez que Odisseu estava desaparecido, Telêmaco teria agora vinte anos.

Nesta época, a casa de Odisseu estava invadida por pretendentes que tentavam conquistar a mão de Penélope e o trono de Ítaca; estes, por causa da estadia prolongada, consumiam os bens da família de Telêmaco.

Por uma questão de costume, Telêmaco não poderia simplesmente expulsá-los; pelo contrário, via-se na obrigação moral de proteger a todos assumindo seu posto de senhor em sua casa.

Enquanto isso Atena, deusa protetora de Odisseu, discute com os outros deuses para que ele possa retornar ao lar. O herói está cativo em Ogígia, ilha pertencente à deusa Calipso, distante de qualquer outra civilização ou de qualquer rota de navegação. Atena roga para que os deuses intervenham em favor do grego, mas Netuno (Posêidon), deus do mar, não quer permitir que Odisseu navegue em seus oceanos, pois está furioso com Odisseu por este não aceitar o destino: “De Ulisses condoíam-se as deidades;/ Mas, sempre infenso, obstava-lhe Netuno [...] ‘Os mortais, ah!, nos imputam/

Os males seus, que ao fado e à própria incúria/ Devem somente’.” (HOMERO, 1992, p. 66).

Insatisfeita com o resultado do Concílio de deuses, Atena decide proteger Telêmaco. Disfarçada, ela incentiva o filho de Odisseu a reunir uma assembleia com o intuito de expulsar os pretendentes de sua casa. Para a infelicidade da deusa, porém, este plano falha, mas Telêmaco consegue o patrocínio para viajar em busca do pai, afastando-se dos pretendentes que secretamente planejavam matá-lo. Guiado por Palas Atena, Telêmaco viaja para terras distantes.

Em novo Concílio, agora com Posêidon distante, Atena consegue conquistar a soltura de Odisseu junto a Zeus, que envia Hermes, arauto divino, à Ogigia para que comunique Calipso da decisão.

Começa então o *Regresso* do herói Odisseu.

Desde que chegara à ilha, Odisseu diariamente fita o mar e chora pensando em sua terra natal e em sua família. Apesar destas atitudes do grego, Calipso se apaixonou por ele e, por isso, não pensa em deixá-lo partir, ao contrário, deseja fazê-lo imortal desposando-o.

Quando Hermes surge com a ordem divina, portando, Calipso se revolta. Mas, deusa de um tempo em que a moral pede que as decisões superiores sejam acatadas, acaba por obedecer a ordem que Zeus dera.

Ao revelar a Odisseu (Ulisses) que poderá partir se assim desejar, Calipso faz uma última oferta ao herói: lhe oferece não só seu leito, mas também “o que poderia se chamar de ‘naturalização divina’. Ulisses recusa, preferindo permanecer humano e reencontrar Penélope” (NAQUET, 2002, p. 34). O herói providencia, então, uma jangada e parte em regresso à Ítaca sem olhar para trás.

Odisseu viaja em sua jangada com mantimentos estocados por Calipso e o vento a seu favor, até o momento em que Posêidon regressa de sua viagem e o encontra liberto. Furioso, o “Abala-terra” agita os mares contra o herói e o faz perder a jangada. Quando Odisseu iria se afogar, Atena e uma ninfa do mar o protegem e ele consegue sobreviver.

Ao chegar à praia, Odisseu decide descansar sob árvores próximas ao leito de um rio. Ele ainda não sabe, mas está no reino dos Feácios, e Atena acaba de conduzir a princesa destes, Nausica, a se apaixonar por Odisseu.

Em sonho, a deusa convencera a jovem a ir banhar-se e lavar suas roupas ao leito do rio, na manhã seguinte a garota junta suas servas e elas partem para o programado. Após cumprirem a tarefa, todas brincam nuas à beira das águas. Os barulhos despertam Odisseu que vê as moças nuas e desprevenidas. Apesar do susto e de ver suas servas fugirem, Nausica olha o estranho e, apaixonando-se por ele, sonha poder desposá-lo.

Como os Feácios são um povo xenofóbico, Atena protege Odisseu com uma névoa e o guia ao palácio para falar com a rainha. A névoa se dissipa quando Odisseu se lança aos pés da mãe de Nausica. Após rogar-lhe auxílio, ele é convidado pelos reis a participar de festividades. Sem revelar seu nome, ele aceita.

Durante as festas um aedo cego canta histórias de Ílion, estas evocam lembranças ao herói e causam-lhe sofrimento. Ao perceber a reação de Odisseu, o rei Alcino, desconfiado, ordena que se realizem jogos, com disputas físicas entre os jovens. Um jovem Feácio convida Odisseu a participar, mas ele se nega. Frustrado, o rapaz provoca Odisseu até que este aceita o desafio. Odisseu, então, revela ser um bravo cavaleiro e vence facilmente todos os oponentes. O rei encerra os jogos e mais uma vez o aedo entra em cena, agora ele narra a história do triângulo amoroso de Hefesto, Afrodite e Ares. Após divertir-se com esta história, Odisseu pede que o poeta cante a passagem do cavalo de Troia, mas, quando a ouve, novamente o herói mostra um sofrimento insuportável. Achando estranho o comportamento do hóspede, Alcino exige que revele que nome tem e qual é a história que possui.

Dizendo seu nome, Odisseu torna público que é o rei de Ítaca e começa a contar histórias das navegações feitas desde que deixou Troia. Ressaltemos algumas delas para mostrar como *As narrativas de Odisseu* refletem conceitos morais específicos.

Dentre os fatos contados, Odisseu declara que apesar de carregarem a pilhagem obtida em Tróia, a tripulação do navio de Odisseu decide fazer uma

parada em uma cidade costeira arrasada, nos Cicones, para obterem mais lucros; neste momento, reforços chegam à cidade e os gregos, por estarem em menor número, decidem se retirar, mesmo assim, vários deles morrem neste processo.

Para tornar clara a moral que pune a ganância, uma tempestade vinda de Zeus castiga os gregos que, mesmo levando consigo tesouros obtidos como espólio da guerra de Tróia, demoram-se pilhando cidades já arrasadas. A tempestade faz, então, que os sobreviventes se percam, indo parar na ilha dos lotófagos (comedores de flores). As pétalas de lótus entorpecem a tripulação. Quando Odisseu recobra o juízo, desperta seus homens para que partam.

Navegando para o Sul, acabam em uma ilha coberta por um nevoeiro. Ao explorarem a ilha, os guerreiros de Ítaca encontram uma caverna. Nela há ovelhas, leite e queijo. A tripulação sugere a pilhagem e a partida, mas o rei de Ítaca decide se prolongar demais. Finalmente o pastor retorna e os homens de Odisseu descobrem que ele é um ciclope, seu nome é Polifemo, filho de Posêidon.

O gigante fecha a caverna onde os homens se encontram e se mostra muito hospitaleiro, mas em breve devora alguns homens e encarcera outros para servirem de alimento futuramente. Odisseu pensa em lutar com ele, porém sabe que não conseguiriam tirar a pedra da frente da caverna. Sagaz, o herói elabora um plano no qual, usando de sua astúcia, embebeda o ciclope, que pergunta por seu nome, e ele sabiamente responde “Ninguém”. Quando Polifemo adormece embebedado, Odisseu e seus homens esculpem uma estaca em uma tora de madeira e a aquecem à fogueira. Então, usam-na para cegar o gigante monóculo. Desesperado, o ciclope retira a pedra da porta de sua caverna para chamar ajuda, no entanto ele só consegue dizer que “Matou-me, foi Ninguém.” (HOMERO, 1992, p. 185). Odisseu e seus homens seguram-se na barriga de ovelhas que deixam a caverna, dessa forma Polifemo não os reconhece e eles fogem. Ao partir, porém, para vangloriar-se, Odisseu revela seu nome a Polifemo: “Se o perguntarem,/ O olho dirás vazou-

te o arrasa-muros/ Ítaco Ulisses, de Laertes nado” (HOMERO, 1992, p. 187)). O ciclope, por sua vez, atira-lhe pedras e pede a vingança a Posêidon.

Odisseu e seus homens continuam viagem até Aeolia, reino de Éolo, deus dos ventos. Odisseu recebe deste um odre onde ele aprisiona todos os ventos, exceto o oeste, que o levaria de volta à Ítaca dentro de nove dias. O deus diz que não o abra até estar em terra firme, pois a fúria dos ventos seria terrível. Odisseu faz como o solicitado, mas não conta aos marinheiros o conteúdo do odre. Em um momento de descuido de Odisseu, seus homens abrem o saco por curiosidade e ganância, uma vez que imaginam haver tesouros dentro dele.

Os ventos libertados causam uma tempestade que joga os navegantes de volta a ilha de Éolo, o qual se recusa a ajudá-los desta vez, dizendo haver “uma força maior” que os afasta de casa.

Podemos aqui fazer algumas colocações pertinentes para compreendermos a moralidade inserida nestes trechos do enredo homérico.

Observamos que a “força maior” a que Éolo se refere é Posêidon, deus que está contrário a Odisseu por dois motivos: primeiro, o navegante não acredita naquilo a que mesmo os deuses devem ser subservientes, o destino; segundo, Odisseu se havia vangloriado de sua astúcia perante o ciclope e este pedira que seu pai, Posêidon, o vingasse.

Ou seja, os conceitos morais nestes trechos observam que os homens podem ser vencedores e astutos, mas sempre porque assim o destino o quis, além disso, a soberba nos que vencem é um mal que deve ser evitado.

O episódio da ilha de Circe é especialmente importante para a discussão a que nos propomos, pois envolve um elemento moral que devemos desenvolver: a questão da fidelidade entre marido e esposa na época homérica.

Na ilha, os homens de Odisseu serão transformados em animais através da poção da deusa. O herói, contudo, não é afetado, pois recebera das mãos de Hermes, o arauto divino, uma erva que o tornaria imune aos feitiços de Circe. Sem poderes contra o grego, Circe acaba propondo seu leito ao herói e nessa ilha Odisseu e seus homens vivem um ano de intensa luxúria.

Quando decide partir, seguindo os conselhos de Circe, o navegante grego vai ao mundo dos mortos (Hades) para encontrar Tirésias, que lhe revelará o caminho de volta à Ítaca.

Para penetrar no Hades, Odisseu segue a todas as recomendações de Circe inclusive a de levar uma oferta de sangue a Tirésias. No submundo ele encontra seu amigo Elpenor e esse lhe roga um enterro descente. Quando finalmente encontra o profeta e oferece-lhe o sangue, consegue ouvir a predição que será capaz de retornar a Ítaca, mas que antes terá que se aventurar para aplacar a ira de Posêidon. Enquanto busca a saída, o grego ainda encontra Aquiles, o herói supremo da **Ilíada**, que lhe revelará que preferiria servir a qualquer um na terra a comandar a todos do inferno:

Valente dos valentes, vim, lhe torno,/ Perguntar a Tirésias
como à pátria/ Fragosa aportarei. Mesquinho e errante/
Nela não stive, nem sequer na Acaia./ Tu, feliz no
passado e no futuro,/ Eras em vida qual um deus aceito,/
E ora as almas dominas; do trespasso/ Não deves pois te
lamentar, Aquiles'/ 'Íncrito Unlisses', retorquiu, ' da morte/
Não me consoles; pago anteporia/ Servir escassa rústica
choupana/ A defuntos reger. Dize, meu filho/ Na frente
sempre ou no tropel combate?/ Que é de Peleu brioso?
Inda o veneram,/ Ou na Hélade e Pítia o desdenham,/
Por que a velhice pés e mãos lhe tolhe?/ Ao sol não
respiro, como em Tróia,/ Batalhões derrotando em pró
dos Gregos:/ Se eu tocasse um momento ptério
alvergue,/ A intrepidez e audácia embotaria/ Dos que o
privem das honras e homenagens. (HOMERO, 1992, p.
217).

Devemos nos ater a esta fala de Aquiles, pois ela ilustra um importante pensamento moral existente na **Ilíada**, que não mais está presente na **Odisseia**: o grande herói divulga aqui que a “bela morte” que fora oferecida aos que batalham é inferior ao culto à vida representada por Odisseu³.

Ressaltamos que esta diferença de moralidade nas epopeias homéricas pode revelar tanto uma mudança de conceitos na época quanto,

³ Na mesma página desta tradução feita por Odorico Mendes, encontramos uma nota que esclarece ainda mais as palavras de Aquiles: “Eu me daria por bem pago se, em vez de reger aqui defuntos, estivesse vivo a cuidar de uma rústica choupana” (HOMERO, 1992, p. 217)

como vimos em nossa introdução, um indício de que a **Ilíada** e a **Odisseia** foram escritas por “vários homeros”.

Retornando a ilha de Circe, Elpenor é enterrado e Odisseu passa mais a noite com sua deusa/amante, dela ele consegue mais informações de como chegar a salvo em Ítaca. Esta manipulação que Odisseu exerce em Circe mostra que, apesar de entregar-se à luxúria, o herói “pensa apenas em reencontrar a sua esposa e o seu lar, esse lugar de estabilidade simbolizado pelo leito conjugal fixado numa oliveira que não se pode arrancar.” (NAQUET, 2002, p. 52).

Salientamos ainda que o conceito de ser fiel à esposa mostrará o crescimento moral de Odisseu no decorrer da narrativa, pois, se seguirmos o enredo linear da história, veremos que o comportamento de fidelidade a mulher em Odisseu mudará ao longo da jornada. Enquanto Circe o mantém entregue à luxúria, Calipso, apesar de levar o herói a seu leito, não faz com que este se esqueça da esposa mesmo prometendo-lhe a juventude e a imortalidade em troca do matrimônio. Já Nausica nem chega a ter uma relação mais profunda com o grego, pois este, apesar de ver que ela lhe tem paixão, pensa somente em retornar ao leito conjugal.

Dentre as *Narrativas de Odisseu*, a última tem como cenário a ilha de Trinácia, terra dos bois avermelhados dedicados ao deus Apolo.

Tirésias havia avisado Odisseu que, quando os navegantes estivessem nesta ilha, não deveriam se apropriar dos bois, pois eles eram sagrados para Apolo. Obedecendo ao sábio, Odisseu ordena que seus homens fiquem longe do rebanho. Contudo, após uma tempestade que atrasou em um mês a navegação, com as provisões do navio terminadas, os navegantes não mais seguem as ordens de seu superior matando e comendo os bois fato que será responsável pela desgraça derradeira da tripulação de Odisseu: Apolo pede a Zeus que, quando os navegantes saírem da ilha, o barco destes seja destruído e todos sofram com a morte.

Uma tempestade violenta vinda de Zeus afunda, então, o barco e ceifa as vidas de todos os tripulantes, exceto de Odisseu.

Retomamos aqui uma explicação que completa o que falamos anteriormente, pois podemos ver novamente que a moral homérica prega o respeito dos homens aos deuses.

Na tempestade, agarrado a um destroço, Odisseu é quase tragado por Charybdis, mas acaba escapando à deriva. Quase morto, ele se descobre na terra de Calipso onde a narrativa havia começado, com o Concílio de Deuses.

Terminada a narração, o rei dos Faecios, Alcíno, ordena que seus marinheiros levem, na manhã seguinte, o rei de Ítaca de volta para Penélope, com comodidade e muitos presentes.

A navegação transcorre sem problemas, ao chegarem em Ítaca, todavia, Odisseu estava dormindo e os marinheiros deixam o rei e os presentes dados por Alcino no porto.

Furioso por terem ajudado o inimigo Odisseu, Posêidon clama por vingança contra os feácios. Com a anuência de Zeus, o “Abala-terras” transforma o navio destes em pedra e afunda-o.

Em Ítaca, Odisseu acorda, mas não reconhece sua ilha, pois Atena a envolveu em neblina. Primeiramente ele acha ter sido engando pelos faécios. Mas Atena disfarçadamente se mostra a Odisseu, conversa com o herói e dissipa a névoa, revelando-lhe lugares de sua terra natal. Logo após, Atena transforma a aparência do rei para que este possa ficar incógnito e descobrir como se encontra seu lar e tirar a dúvida se Penélope ainda aguarda por ele.

Como mendigo Odisseu encontra-se com Eumeu, o porqueiro que se lamenta por ter perdido o mestre e ter que servir aos pretendentes. Ele lhe dá abrigo e o protege do frio, mesmo não o reconhecendo como seu rei. Nestas ações o bom caráter de Eumeu é revelado como um modelo moral a ser seguido: cabe ao servo ser fiel ao senhor mesmo que este esteja distante; além disso, ao mais provido de bens é correto ajudar os mais necessitados.

Odisseu mente sobre seu passado e prediz que Eumeu em breve verá o mestre, pois ouviu que ele está vivo.

Enquanto isso, em sonho, Atena apressa Telêmaco e pede que este vá conversar com Eumeu. Ao chegar à cabana do porqueiro Telêmaco o encontra conversando com um velho. Sem saber que são pai e filho, o criado

sugere que o velho acompanhe o filho de seu amado patrão, pois teme pela segurança de Telêmaco frente aos planos dos pretendentes, que tramam outra emboscada. Neste momento, Atena devolve a Odisseu sua forma. O filho mal crê que finalmente seu pai retornou e os dois se abraçam. Logo, arquitetam um plano para juntos entrarem no castelo e acabar com os pretendentes.

Conforme o plano pensado por Odisseu, Telêmaco retorna à casa, onde é recebido por Penélope. O filho conta à mãe as informações reunidas na viagem, mas lhe oculta os últimos acontecimentos. Sem muita demora, Eumeu chega ao palácio acompanhado do “mendigo Odisseu”.

Irus, um outro mendigo, adentra no castelo. Ao ver um mendigo, decide provocá-lo para uma briga. Os pretendentes se eriçam desejando divertir-se as custas dos dois, mas Atena dá força a Odisseu, que facilmente derrota o oponente e é parabenizado pelos pretendentes, em especial o ponderado Anfímon que lhe dá bebida e comida. Apiedado, desejando não machucá-lo no *Massacre dos pretendentes*, Odisseu tenta fazer com que Anfímono parta, mas este se nega.

Penélope aparece diante de todos dizendo que Odisseu a instruiu para que escolhesse um novo marido quando Telêmaco desenvolvesse barba. Vendo o filho já crescido, ela então declara que a hora de escolher o novo rei de Ítaca está próxima e exige dos pretendentes presentes e tempo para preparar o matrimônio.

Os pretendentes vão se deitar, conforme o plano feito, Telêmaco e Odisseu preparam a sala escondendo as armas de todos.

Com o intuito de saber notícias do marido, Penélope decide se encontrar com o visitante. O “mendigo Odisseu” descreve a si mesmo em detalhes tão precisos que fazem Penélope chorar. As lágrimas da mulher confirmam a Odisseu que ela lhe fora fiel na espera, como era dever moral da mulher que ama.

Entretanto, mesmo após ouvir que o marido voltaria, a rainha revela que se casará, pois tem que cumprir a última promessa que fez a Odisseu.

Ele, à partida,/ A destra me travou: ‘Mulher, nem todos/
Escaparemos; pois têm fama os Teucros/ De hábeis em

dardo e sete, em coches destros,/ Que a vitória decidem na refrega:/ Se um deus me salve ignoro, ou se ali morra./ Tudo regra; inda mais te recomendo/ Meu pai e minha mãe. Barbado o filho/ Deixa-lhe os bens e casa-te'. Assim o disse,/ E o tempo se perpez: negreja a noite/ Em que às núpcias me obrigue o infausto Jove. (HOMERO, 1992, p. 312).

Nessa passagem podemos ver que Penélope é fiel ao conceito moral de obediência ao marido e aos deuses.

Porém, com o objetivo de casar-se com tão forte guerreiro como era/é Odisseu, Penélope diz que o escolhido será aquele que cruzar uma flecha por doze machados, usando o arco que era de seu marido.

Todo o último livro leva a um desfecho já conhecido pelos ouvintes de Homero e esperado pelos leitores modernos. Mas, se o enredo já caminha ao esperado, a evolução moral do indivíduo mantém a atenção da plateia homérica e o real atrativo do desfecho.

Enquanto Odisseu revela sua identidade ao boieiro, Penélope revela sua proposta aos pretendentes. A rainha traz o arco de Odisseu e Telêmaco enfileira os doze machados. Ele mesmo faz a primeira tentativa, mas é incapaz de retesar o arco do pai. Um a um, todos os pretendentes falham, gerando a ira por se mostrarem inferiores ao senhor de Ítaca. O mendigo retorna à sala e solicita o arco para uma tentativa. Relutantes, os pretendentes só o entregam após ordem de Telêmaco. Facilmente, o mendigo estica a corda no arco e atravessa os doze machados com sua primeira flechada. A segunda arrasa um pretendente. Uma confusão é gerada e Odisseu é reconhecido o que aterroriza a todos.

Eurimaco tenta dialogar com Odisseu e Telêmaco, mas, para serem fiéis aos desígnios de Atena, eles devem matar a todos. Anfímono é o próximo a cair sob a lança de Telêmaco. A purgação lembra aos pretendentes das desgraças que fizeram, os acontecimentos denotam um julgamento dos que agiram incorretamente.

Uma batalha se segue: de um lado Odisseu, Telêmaco, o porqueiro e o boieiro; do outro os pretendentes, armados pelo guarda cabras traidor, Melântio.

Atena surge disfarçada de mentor e dispara palavras contra Odisseu, no intuito de incitar-lhe ao combate. Quando o herói mostra bravura, retira-se a deusa para um quarto e, como uma andorinha, guarda os guerreiros de Odisseu desviando os ataques que desferiam contra eles. O grupo de Odisseu avança contra os que de forma desprezível agiram, matando-lhes aos poucos. Finalmente, Atena toma parte da cena brutal e ataca os indivíduos de má-fé com golpes de seu escudo.

Aqui reparamos que Odisseu já não é mais o mesmo. Se antes estava com sua tripulação, mas sentia-se sozinho, porque seus homens muitas vezes não o obedeciam, agora ele estava com aqueles que lhe são fiéis e que querem retomar o palácio familiar com o auxílio de Atena.

Podemos notar esta mudança de pensamento, proporcionada pelo crescimento adquirido na viagem que fizera, na cena em que Odisseu se reencontra com a ama:

Palpando, a cicatriz conhece a velha,/ Nem pode o pé
suster; cai dentro da perna,/ e a bacia retine e se
derrama./ Dor a assalta de prazer; nos olhos água/ Presa
às faces a voz, lhe afaga o mento,/ E balbucia enfim: 'Tu
és, meu filho,/ És Ulisses; depois que te hei palpado,/ Ora
por meu senhor te reconheço'. [...] A si da esquerda a
puxa: 'Ama, a teus peitos/ Amamentado, queres tu
perder-me?/ Volto ao vigésimo ano, após mil transes;/
Mas, já que um nume to mostrou, silêncio/ A ninguém me
delates. No imo o estampes: / Se me der Jove debelar
soberbos,/ Não pouparei culpada a nutriz mesma,/ Furioso a todas que o palácio inflamem [...] / Guarda o segredo, e o mais os deuses fique [...] (HOMERO, 1992, p. 328, 329).

Se Odisseu desperta fúria de Posêidon por se vangloriar por seus feitos contra o Ciclope, agora, já crescido interiormente, ele apontará todo o mérito ao destino e, ao invés de se vangloriar de estar em Ítaca, espera que os deuses lhe mostrem o momento certo de se revelar.

Chegamos então a uma importante questão que gere a moral dos antigos gregos: como vimos e como tornaremos explícito, o destino é atribuído pelos deuses aos homens e, por isso, enquanto a insolência dos tripulantes do

navio de Odisseu “pede” o destino fatal para estes, o herói que aprende com seus erros pode encontrar sua Ítaca.

Euricleia desperta Penélope, que dormiu a luta inteira. Esta desce ao primeiro andar extremamente desacreditada na possibilidade de Odisseu ter retornado. Seu ceticismo continua mesmo após ver o marido com seus próprios olhos, pois ela acha que tudo não passa de um truque dos deuses. Telêmaco cobra que sua mãe seja mais amável com o marido que enfim retornou. Penélope só é convencida da veracidade dos acontecimentos quando Odisseu revela aspectos singulares do leito do casal, que foi construído sobre o tronco de uma árvore, portanto, como já vimos, firme e imutável, como a relação dos dois.

Penélope expõe então o que passou, contrastando a si mesma e Helena, pois, enquanto esta afastara os homens de casa por se “enfiar na cama de um estrangeiro”, aquela aguardara o retorno do marido, e só se entregara a ele após não restar nenhuma dúvida:

Ulisses, foste aos homens/ O exemplo de prudência, não te enfades./ Irmos juntos logrando os flóreos dias/ O Céu nos invejou; perdão, se ao ver-te/ Não fui logo lançar-me no teu seio:/ De quem com discursos me iludisse/ Tremia sempre; os dolos não falecem./ A Dial Grega Helena o toro nunca/ Do estranho compartira, a ter previsto/ Que à pátria e casa os belicosos Dânaos/ Tinham de a reduzir: a tanto opróbrio,/ Causa de nossa dor, cruel deidade/ A infeliz arrastou, que o não cuidava./ Porém veros sinais manifestaste:/ Outro nenhum varão viu nossa alcova,/ Nós e a fiel Actoride somente,/ Por meu pai concedida, e que é porteira./ Minha justa esquivança embrandeceste. (HOMERO, 1992, p. 377).

Ao fim da epopeia, Palas Atena consagra Odisseu como o verdadeiro rei de Ítaca, aplacando a ira daqueles que se revoltaram com o massacre dos pretendentes e dando, finalmente, paz aos que habitam em Ítaca.

Conclusão

Podemos frisar que, segundo o enredo de **Odisseia**, cada entrega ao que era considerado vicioso naquele tempo causa a ruína dos navegantes e de Odisseu e cada aprendizado atrai a justa proteção divina.

Uma amálgama de egoísmo e arrogância levam Odisseu a não fazer as oferendas a Posêidon o que impossibilita aos navegantes, em vários momentos, o retorno a Ítaca. A cobiça, nos Cicones, faz com que tenham que fugir perdendo mais de uma dúzia de homens. A soberba, ao entregar sua camuflagem quando derrota o Ciclope, incita ainda mais a ira de Posêidon que persegue os navegantes. A curiosidade e a ganância, no episódio do Odro dos ventos fazem com que o caminho à Ítaca retroceda.

Se por um lado a entrega aos vícios e os defeitos da natureza humana afastam o herói de casa, o único fator que possibilita o regresso é o que Odisseu aprende destes acontecimentos, tornando-se um herói que cresce moralmente. Como exemplo final, podemos citar uma outra viagem: a que o herói fará para aplacar a fúria do “Abala-terra”.

Segundo Tirésias, para poder aplacar a ira de Posêidon por não lhe ter feito as oferendas e por ter cegado Polifemo, Odisseu teria que viajar para terras distantes até encontrar com um estrangeiro predestinado. Ali ele faria três oferendas a Posêidon. Além disso, faria outros sacrifícios a todos os deuses quando retornasse novamente à Ítaca.

Assim Odisseu ouvira, assim ele o cumprirá para demonstrar sua subserviência aos deuses e a concretização do destino previsto por Tirésias.

Em **Odisseia** os que não tem a oportunidade deste crescimento heroico acabam mortos, como os pretendentes, as servas que se entregaram a estes e a tripulação de Odisseu. Já outros são “nascidos” com a moral elevada, tendo assim sua recompensa garantida, como os servos fiéis, que são recompensados (tratados como filhos de Odisseu); Telêmaco, que ganha a proteção de Atena, escapando da ira dos invasores de sua casa para tornar-se homem ou sua mãe, Penélope, cuja fidelidade deu-lhe inspiração para resistir por 20 anos às investidas dos pretendentes.

Além disso, como elemento a mostrar que os atos considerados moralmente errôneos devem ser punidos e os moralmente certos são presenteados, podemos observar que se interpolarmos em ordem cronológica as cenas da *Telemaquia* e das *Narrativas de Odisseu* veremos como as escolhas morais estão ligadas à desgraça ou bonança vividas tanto por Odisseu quanto pelos seus familiares em Ítaca.

Enquanto Odisseu se entrega a Circe, os pretendentes se estabelecem em sua casa e sua mãe comete suicídio; enquanto se demora em Ogigia, Telêmaco vira alvo dos invasores e o tear de Penélope é atirado ao fogo.

Por outro lado, quanto as atitudes de Odisseu são nobres o destino conspira a seu favor: por ser astucioso, Éolo lhe concede Zéfiro e prende os demais ventos; quando decide buscar aos homens que havia perdido em Circe, Hermes lhe entrega a erva que o tornará imune ao feitiço da bruxa; e, finalmente, para executar sua vingança, a paciência lhe garante o favoritismo de Atena e o disfarce de mendigo para entrar no palácio.

Para compreendermos o elemento positivo desta forma de mendigo atribuída a Odisseu, devemos buscar a narrativa de um filósofo que viveu séculos depois de Homero, mas em uma sociedade ainda regida pela subserviência: Platão.

Em **A república**, narrando o mito do anel de Giges, a filosofia nos mostra a principal base para o considerarmos algo como “certo” e “errado”.

Este anel teria o poder mágico de tornar invisível quem o usasse. Segundo o mito, a joia havia sido encontrada por um pastor, que sob todos os aspectos era um homem bom e honesto, mas ao se ver em posse de tal poder comete uma série de atos atroz em benefício próprio.

O mito discute as motivações das pessoas em serem “boas e honestas” e, a interpretação dele, traz-nos duas hipóteses: a de que o homem ora age, ora se omite por medo ou que ele ora age, ora se omite pelo julgamento de sua consciência.

Acreditar na primeira hipótese é perder as esperanças na humanidade; é acreditar que todos no mundo não roubam ou matam porque têm medo da

justiça, da condenação, da punição, da vergonha que isso gera frente aos moralistas; além disso, também é acreditar que os homens só cometem boas ações porque há olhos que a vejam.

Ter como verdadeira a segunda hipótese é validar a moral, a consciência humana. É crer que o homem se utiliza de um juízo interno e faz ações nas quais exclui o “eu” e pensa no “outro”, apenas por fazê-lo e que se satisfaz com isso independentemente de que alguém mais tenha ciência disso. Uma pessoa que tenha o desenvolvimento moral seria aquela que não mudaria suas atitudes mesmo vestindo o anel de Gíges, pois suas ações não estão pautadas no externo e sim na consciência.

Quando Atena disfarça Odisseu, ela gera uma situação parecida à deste anel. Como ele não pode ser reconhecido, suas atitudes (boas e más) não podem ser atribuídas a ele, e sim a um velho mendigo. Mesmo assim, Odisseu é justo em seus atos e mostra ter tido o crescimento interno necessário ao herói que acaba por compreender quais são os conceitos morais da época de Homero.

Bibliografia

- AUBRETON, Robert. **Introdução a Homero**. Editora da USP. 1968.
- GIORDANI, Mario Curtis. **História da Grécia**. Vozes.1996.
- HOMERO. **A Odisséia**. (tradução de Manuel Odorico Mendes; edição de Antônio Medina Rodrigues). São Paulo: Ars Poética, Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- NAQUET, Pierre Vidal, **O mundo de Homero**. Cia das Letras. 2002
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

Recebido em: 27-mai Aprovado em: 26-jun
